

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT-10 – Informação e Memória

#### MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO ENANCIB (2010-2024)

#### *MEMORY, FORGETTING AND PLACES OF MEMORY: AN ANALYSIS OF ENANCIB PRODUCTION (2010-2024)*

**Beatriz Carvalho da Silva Michelassi** – Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
**Juliana Cardoso dos Santos** – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** A memória, o esquecimento e os lugares de memória configuram-se como temas inter e transdisciplinares que articulam relações relevantes no campo da Ciência da Informação. Porém acredita-se que enquanto a memória tem sido amplamente debatida nas produções da área, o esquecimento e os lugares de memória ainda aparecem como conceitos emergentes, demandando maior aprofundamento teórico e crítico. Este trabalho tem como objetivo analisar como os conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória são abordados nas produções do Grupo de Trabalho 10 – Informação e Memória do ENANCIB (2010-2024), com ênfase na inter-relação entre os conceitos e na compreensão dos lugares de memória como instrumentos simbólicos de resistência, preservação e ressignificação de narrativas silenciadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com delineamento bibliográfico, realizada por meio da busca de termos específicos na plataforma Benancib. Os resultados indicam que a memória é um conceito amplamente consolidado no GT 10, enquanto o esquecimento e a articulação entre os três eixos conceituais ainda aparecem de modo incipiente. Observa-se, contudo, um avanço nas discussões sobre os lugares de memória como espaços simbólicos, o que evidencia a necessidade de aprofundamento teórico acerca dos processos de construção, disputa e silenciamento das memórias no contexto da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** memória; esquecimento; lugares de memória; Ciência da Informação; ENANCIB.

**Abstract:** Memory, forgetting, and places of memory are inter and transdisciplinary themes that articulate relevant relationships in the field of Information Science. However, it is believed that while memory has been widely debated in the productions of the area, forgetting and places of memory still appear as emerging concepts, demanding greater theoretical and critical depth. This work aims to analyze how the concepts of memory, forgetting, and places of memory are addressed in the productions of Working Group 10 – Information and Memory of ENANCIB (2010-2024), with an emphasis on understanding places of memory as symbolic instruments of resistance, preservation, and ressignification of silenced narratives. This is a qualitative, descriptive-exploratory research, with a bibliographic design, carried out by searching for specific terms in the Benancib platform. The results indicate that memory is a widely consolidated concept in WG 10, while forgetting and the articulation between the three conceptual axes still appear incipiently. However, there has been progress in discussions about places of memory as symbolic spaces, which highlights the need for a deeper

theoretical understanding of the processes of construction, dispute and silencing of memories in the context of Information Science.

**Keywords:** memory; forgetfulness; places of memory; Information Science; ENANCIB.

## 1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a informação implica, necessariamente, problematizar suas conexões com os fenômenos da memória e do esquecimento. Em contextos históricos e sociais marcados por silenciamentos, disputas narrativas e apagamentos simbólicos, compreender o que é informação demanda interrogar porque determinadas representações são preservadas, enquanto outras são suprimidas ou destruídas/eliminadas. Essa perspectiva é reforçada por Monteiro, Carelli e Pickler (2008), ao afirmarem que a informação se constitui como mediadora da memória, influenciada por dispositivos de poder e por escolhas culturais que moldam tanto o lembrar quanto o esquecer.

Do ponto de vista etimológico, o termo “informação” origina-se do latim *informatio*, que remete ao ato de “dar forma a algo o que reforça sua natureza estruturante nos processos de construção de sentido e disputa por narrativas (Rodrigues, 2021). Assim, compreende-se que a informação não possui um valor intrínseco apenas em seu conteúdo, mas também em seu papel estratégico na construção do conhecimento e na disputa por narrativas.

Nesse sentido, o esquecimento não se manifesta unicamente como ausência ou falha da memória, mas como produto de tensões sociais, políticas e culturais. Conforme destacam Le Goff (1990) e Halbwachs (1990), a memória não é neutra: ela é socialmente construída, seletiva e, muitas vezes, institucionalizada. Nora (1993), ao cunhar o conceito de *lugares de memória*, chama a atenção para os espaços materiais e simbólicos onde a memória é ancorada, em resposta à perda da memória espontânea nas sociedades contemporâneas.

Apesar dessas contribuições teóricas consolidadas, observa-se que embora a memória tenha ocupado posição central em diversas produções do campo da Ciência da Informação, nota-se que abordagens sobre o esquecimento e sobre os lugares de memória como categorias analíticas ainda são relativamente recentes e pouco exploradas. Essa lacuna teórico-metodológica evidencia a necessidade de investigação sobre como tais conceitos vêm sendo tratados no interior da produção científica da área.

Diante disso, emerge a seguinte questão: como os conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória tem sido abordados nas produções acadêmicas do Grupo

de Trabalho 10 – Informação e Memória do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) ao longo dos últimos vinte e quatro anos?

Este trabalho tem como objetivo analisar como os conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória são abordados nas produções do Grupo de Trabalho 10 – Informação e Memória do ENANCIB (2010-2024), com ênfase na inter-relação entre os conceitos e na compreensão dos lugares de memória como instrumentos simbólicos de resistência, preservação e ressignificação de narrativas silenciadas.

Com método qualitativo, e caráter exploratório-descritivo foi realizada um levantamento bibliográfico dos trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho 10 – Informação e Memória do ENANCIB entre os anos de 2010 e 2024. Foram utilizados como critérios de busca as combinações dos descritores “Memória AND Esquecimento”, “Lugares de Memória” e “Memória AND Esquecimento AND Lugares de Memória”, aplicando-se o filtro específico do Grupo de Trabalho 10 – Informação e Memória. Os resultados evidenciam que, embora a temática da memória esteja amplamente representada, as discussões acerca do esquecimento e dos lugares de memória ainda se manifestam de forma incipiente nas produções analisadas.

## **2 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

A relação entre memória e esquecimento no campo da Ciência da Informação requer, inicialmente, uma breve contextualização sobre os fundamentos dessa área do conhecimento. Segundo Borko (1968, p. 1),

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação.

Em essência, a Ciência da Informação “investiga as propriedades e o comportamento da informação, o uso e a transmissão da informação, e o processamento da informação, visando uma armazenagem e uma recuperação ideal.” (Borko, 1968, p. 4). Tais fundamentos revelam que a Ciência da Informação, ao lidar com a organização e a disseminação do conhecimento, atua como mediadora das formas sociais de lembrar e esquecer.

De acordo com Thiesen (2009), ao longo da história, museus, arquivos e bibliotecas,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

apesar de suas origens distintas, frequentemente coexistiram e se relacionaram de maneira próxima. Desde os antigos templos dedicados às musas até as modernas bibliotecas, essas instituições, cada qual com sua especificidade, compartilham uma longa trajetória de preservação da memória e do conhecimento.

Esses espaços sempre foram compreendidos como guardiões de documentos e registros, associados à construção da história de um povo, cidade ou nação. No entanto, ao enfatizar a conservação da memória material, a Ciência da Informação, em muitos momentos, acabou deixando de lado um aspecto igualmente importante: o esquecimento (Monteiro; Carelli; Pickler, 2008).

O esquecimento está intrinsecamente ligado à memória, seja ela de natureza biológica ou técnica, e, mesmo que a Ciência da Informação tenha como foco principal a preservação, o esquecimento permanece presente e faz parte do próprio processo de conservação realizado pela área. Como explicam Monteiro, Carelli e Pickler (2008), “o esquecimento acontece, portanto, porque recebemos informações o tempo todo, tornando a atividade de gravar tudo o que vemos, sentimos e ouvimos em nossa memória, impossível”.

Essa perspectiva é fundamental, pois amplia o entendimento sobre os limites da memória, Pinho *et al.* (2011, p. 131) reforçam essa ideia ao afirmar que “sem esquecimento não há memória possível, pois que a memória é essencialmente seleção. O esquecimento não se opõe à memória: é suplementar, inerente e indispensável”. Esse conceito é particularmente relevante no contexto da censura, por exemplo, onde o esquecimento pode ser intencionalmente imposto ou manipulado pelo Estado para controlar e moldar a memória coletiva. Além disso, os autores observam que:

O esquecimento pode apresentar-se como lapso ou manipulação da memória, tanto individual quanto social, tanto natural quanto artificial, sendo uma questão vital para a memória humana para que o indivíduo não se sobrecarregue de informações, tão natural quanto lembrar, é esquecer-se (Pinho *et al.*, 2011, p. 131).

Le Goff (1990, p. 437) também ressalta a importância da memória ao afirmar que "a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens". O autor nos lembra que a memória carrega intenções e disputas: ela pode servir tanto como instrumento de liberdade quanto de dominação.

Além disso, Le Goff (1990, p. 372, grifo nosso) acrescenta que nas sociedades sem escrita, a memória coletiva ordena-se em três grandes interesses “[...] idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa”.

A escrita trouxe uma transformação significativa na memória coletiva. Desde a Idade Média até o Paleolítico, surgiram representações que podem ser interpretadas como “mitogramas”, similares à mitologia verbal. A escrita possibilitou um avanço duplo na memória coletiva, permitindo o desenvolvimento de duas formas distintas de memória: uma, por meio de monumentos comemorativos que celebram eventos marcantes; e outra relacionada ao registro epigráfico, que mais tarde daria origem à epigrafia como campo de estudo histórico (Le Goff, 1990).

A compreensão dessas dinâmicas se aprofunda com as contribuições de Halbwachs (1990), que afirma que a memória coletiva se fortalece e se mantém ao longo do tempo por estar ancorada em um grupo de pessoas. No entanto, são os indivíduos, enquanto membros desse grupo, que realmente se lembram. Cada pessoa acessa essas lembranças comuns de maneira particular, já que certas memórias ganham mais destaque para uns do que para outros. Assim, é natural que o uso desse repertório coletivo não seja o mesmo para todos (Halbwachs, 1990).

Essas relações entre memória individual e coletiva mostram que lembrar é um processo ativo, influenciado por diversos fatores sociais, culturais e informacionais. Refletir sobre o esquecimento é fundamental, especialmente em uma área que tradicionalmente entende a memória como sinônimo de preservação. É por meio dessa reflexão que se torna possível reconhecer que a memória abrange outras dimensões e está profundamente vinculada às tecnologias da informação e comunicação, atuando de forma prática e significativa na sociedade (Monteiro; Carelli; Pickler, 2008).

Essas articulações teóricas oferecem uma base sólida para analisar como os conceitos de memória, esquecimento e seus entrelaçamentos têm sido mobilizados nas produções científicas da área.

### **3 OS LUGARES DE MEMÓRIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO AO ESQUECIMENTO**

Nessa dinâmica, os lugares de memória são compreendidos como espaços voltados à preservação e a manutenção de registros e informações, sejam elas de natureza institucional, pessoal ou coletiva. À medida que crescem as iniciativas voltadas à preservação dessas memórias, surgem cada vez mais locais com o propósito comum de protegê-la (Mafezoli; Prado, 2023).

A discussão sobre a importância da memória remete também à sua complexidade e vulnerabilidade. Le Goff (1990) observa que a memória não é apenas uma conquista, mas também se configura como um instrumento e um objeto de poder. Nesse sentido, ao considerar a memória como um elemento em constante disputa, os lugares de memória tornam-se estratégicos na luta contra o esquecimento.

Nora (1993, p. 9) aprofunda essa reflexão ao afirmar que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Dessa forma, os lugares de memória não surgem de forma espontânea, mas sim como uma reação à percepção de que a memória precisa ser protegida, registrada e atualizada constantemente.

Os lugares de memória são antes de tudo, restos. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações. São os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (Nora, 1993, p. 12-13).

Nesse contexto, o esquecimento não é apenas a ausência de memória, mas um conceito complementar, ou seja, “o esquecimento é definido como ‘a falta de memória’. Esquecimento e memória parecem ser conceitos antagônicos, mas seus sentidos se completam. Falar de memória implica falar igualmente de esquecimento, pois, para lembrar, também é necessário esquecer” (Rodrigues, 2021, p. 38).

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Essa dualidade revela que os lugares de memória não apenas conservam, mas também selecionam, interpretam e, muitas vezes, silenciam determinadas narrativas em prol de outras. Assim, os lugares de memória podem ser criados como resposta à necessidade de enfrentar o apagamento de eventos históricos, sobretudo aqueles marcados por repressão e violência de Estado. Para Rodrigues (2021, p. 53),

Um lugar de memória pode resultar de um esforço do estado e da sociedade para que certos eventos não sejam esquecidos, especialmente nos casos dos espaços de repressão ou violência de estado. Alguns podem estar diretamente ligados ao lugar dos acontecimentos e outros não, mas é fundamental que haja um interesse legítimo em evitar o apagamento.

Sob o ponto de vista de Fontanelli (2005), com o crescimento significativo da produção informacional, as tradicionais instituições do saber passaram por transformações, passando a funcionar como espaços dinâmicos, nos quais a informação é armazenada, tratada e disponibilizada para vários propósitos. Essas instituições, embora recebam diferentes denominações, como "coletoras de cultura" por Homulos (1990), "disponibilizadoras de cultura" (Smit, 2000), "Espaço do Conhecimento" (Ricci, 2004) e "repositórios culturais" (Bearman, 1994), compartilham a função central de preservar o patrimônio histórico e cultural. Diante disso, Fontanelli (2005) reforça que é necessário ter cautela para que essas instituições não se transformem em espaços de musealização do mundo, onde qualquer vestígio do passado seja automaticamente valorizado.

Um exemplo contemporâneo de "lugar de memória" é o Museu do Holocausto de Curitiba. Sua concepção teve início nos anos 1990, impulsionada pelas visitas do empresário Miguel Kringsner a instituições internacionais dedicadas à memória da Shoá. A partir dessas experiências, iniciou-se um extenso processo de pesquisa, coleta de testemunhos e articulação institucional. O projeto arquitetônico foi concretizado em 2010, com a criação da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov. Inaugurado em novembro de 2011, o museu desempenha, desde então, um papel fundamental na preservação da memória do Holocausto, no combate ao negacionismo e na promoção da educação em direitos humanos (Museu do Holocausto de Curitiba, 2025).

A preservação de espaços marcados por acontecimentos traumáticos é, portanto, uma forma de impedir a repetição dos erros do passado. Sua identificação e manutenção funcionam como mecanismos de reparação coletiva, promoção dos direitos humanos, disseminação da informação e construção de conhecimento para a sociedade. Ao transformar

locais de dor em bens culturais coletivos, esses espaços permitem que as vítimas recuperem o direito à memória, à voz e à reparação simbólica. Contudo, esse processo não deve se render a discursos artificiais que esvaziam o valor simbólico e político da memória daqueles que sofreram, e ainda sofrem, os efeitos do trauma (Rodrigues, 2021).

Esses espaços têm como objetivo principal promover uma consciência social crítica, capaz de impedir que violações e abusos cometidos no passado se repitam. No entanto, como a memória é um campo de constante disputa, ela pode ser manipulada, apagada ou mesmo distorcida. Por estar entrelaçada aos mecanismos de poder, a memória institucionalizada corre o risco de reproduzir silenciamentos históricos e consolidar visões hegemônicas. Por isso, os lugares de memória assumem um papel central na resistência e na busca por uma memória crítica e consciente, que confronte visões alienadas e hegemônicas da história (Jatene; Crivelente; Kobashi, 2019).

Além disso, como reforça Rodrigues (2000, p. 144 *apud* Fontanelli, 2005, p. 28),

[...] os lugares de memória são necessários e devem ser geridos de forma responsável, por profissionais preparados que analisem muitas das questões acima apresentadas e compreendam o que é memória e qual o papel que ela desempenha na nossa sociedade, permitindo que seja preservada e se torne instrumento de reflexão crítica e de recriação do presente.

Nesse contexto, a administração desses espaços deve garantir o acesso irrestrito à memória, pois, como afirma Fontanelli (2005, p. 28), “o acesso à memória é direito e dever de todos os cidadãos.” A memória, nesse sentido, não deve ser compreendida como um fim em si, mas como um processo contínuo de negociação, reivindicação e reinterpretação do passado no presente.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa é de natureza teórica, com método qualitativo e caráter exploratório-descritivo, orientada pela análise de produções acadêmicas que abordam os conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória no campo da Ciência da Informação. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 69), o estudo é considerado exploratório na medida em que “[...] buscam uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que possam levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito”, e descritivo ao se propor a “[...] descrever as características do fenômeno” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 69).

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

A escolha pelo método qualitativo justifica-se pelo interesse em interpretar os significados atribuídos aos conceitos centrais nas produções analisadas. Segundo Silveira (2023, p. 53), a pesquisa qualitativa busca apreender significados no contexto em que os sujeitos estão inseridos, articulando teoria e análise crítica. O delineamento é bibliográfico, fundamentado na análise dos documentos acadêmicos disponíveis em bases de dados da área, conforme definem Gerhardt e Silveira (2018).

A investigação concentrou-se nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido desde 1994 pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). O ENANCIB é um dos principais eventos acadêmicos da área no Brasil e tem como estrutura organizacional os Grupos de Trabalho, mais conhecidos como GTs (Souza, 2012).

As buscas foram realizadas por meio da plataforma Brapci, na interface Benancib (<https://brapci.inf.br/benancib>), utilizando as combinações de palavras-chave: "Memória AND Esquecimento", "Lugares de memória" e "Memória AND Esquecimento AND Lugares de memória". Aplicaram-se filtros por Grupo de Trabalho (apenas GT 10 – Informação e Memória), ano de publicação (2010 a 2024) e tipologia de documento (artigo completo, resumo expandido, pôster e comunicação oral). A escolha pelo GT 10 deve-se ao fato de esse grupo concentrar a maior parte das discussões da área voltadas à memória, sendo, portanto, o espaço mais adequado para identificar tendências e lacunas no tratamento dos conceitos investigados. O recorte temporal (2010–2024) abrange todo o período de existência do GT, permitindo acompanhar a evolução conceitual e teórica desde sua criação até a atualidade.

Inicialmente, foram localizados:

- 29 trabalhos com o descritor "memória AND esquecimento";
- 54 trabalhos com o descritor "lugares de memória";
- 3 trabalhos com a combinação dos três descritores “memória AND esquecimento AND lugares de memória”.

Após a aplicação dos filtros supracitados, 12 (doze) trabalhos pertencentes a outros GTs foram desconsiderados. Posteriormente, procedeu-se à leitura dos títulos, palavras-chave e resumos dos documentos, a fim de selecionar os trabalhos cujos conteúdos dialogassem diretamente com o objetivo da pesquisa.

Ou seja, dos 86 (oitenta e seis) trabalhos recuperados, 74 (setenta e quatro) trabalhos compuseram o corpus analisado, abrangendo o período de 2010 a 2024. A distribuição por

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

período revela a ausência de publicações entre 1994 e 1999 e um crescimento expressivo a partir da década de 2010, quando foi criado o GT 10, conforme ilustrado no quadro 1.

**Quadro 1 – Distribuição dos trabalhos por categoria e período (1994–2024)**

<b>Década</b>	<b>Memória e esquecimento</b>	<b>Lugares de memória</b>	<b>Memória, esquecimento e lugares de memória</b>	<b>Total de trabalhos</b>
2010–2019	20	33	3	56
2020–2024	6	12	0	18
<b>Total</b>	26	45	3	74

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2025).

Em relação à ocorrência dos descritores, verifica-se que o termo "lugares de memória" é o mais frequente, com 45 (quarenta e cinco) ocorrências, seguido por "memória e esquecimento", com 26 (vinte e seis) ocorrências, já a combinação simultânea dos três conceitos "memória, esquecimento e lugares de memória" aparece de forma limitada, sendo identificada em apenas 3 (três) trabalhos no corpus analisado.

Quanto à tipologia dos documentos, o corpus analisado é composto em sua maioria por artigos completos, com 25 (vinte e cinco) ocorrências, havendo também comunicações orais, com 24 (vinte e quatro) ocorrências, pôsteres, com 20 (vinte) ocorrências e resumos expandidos, com 5 (três) ocorrências, conforme a diversidade de formatos apresentados nos eventos do ENANCIB.

Além da análise dos trabalhos do ENANCIB, foram utilizados para fundamentar a discussão teórica autores clássicos e contemporâneos, como Pierre Nora, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, por meio de obras coletados em bases como o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e a própria Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI).

#### **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A análise dos trabalhos do GT 10 – Informação e Memória, localizados na plataforma Benancib entre os anos de 2010 e 2024, revelam um crescimento significativo no interesse pelos conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória, especialmente a partir da década de 2010 ano de fundação do GT 10. Apesar do crescimento do interesse pelos temas, ainda são poucos os trabalhos que articulam de forma simultânea as três temáticas: memória,

esquecimento e lugares de memória - apenas três trabalhos foram identificados com esse enfoque, sendo eles os de Grigoletto e Maranon (2010), Nascimento e Silva (2015) e Soledade, Jesus e Toutain (2018).

Observa-se que, na categoria "Memória e Esquecimento", há um consenso de que a memória é compreendida como uma construção social e coletiva, fundamental para a constituição de identidades e narrativas históricas. Em contraste, o esquecimento é tratado como fenômeno complementar, associado, em muitos casos ao apagamento de informações e narrativas.

Os autores Rosa, Barizon Filho e Santos (2021) realizaram um mapeamento da produção científica voltada à temática do esquecimento, publicada nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) entre 1994 e 2019. A partir desse levantamento, é possível observar que os estudos sobre o tema “esquecimento” revelam certa dissociação entre “esquecimento” e à compreensão tradicional da memória. Ou seja, embora memória e esquecimento atuem de forma interdependente na construção do conhecimento, cada um possui funções específicas nesse processo.

Na área da Ciência da Informação, o esquecimento ainda tende a ser compreendido de maneira secundária ou subordinada à memória, o que indica uma abordagem incipiente e limitada. Essa delimitação conceitual pode restringir o desenvolvimento de pesquisas, dificultando o estabelecimento de uma perspectiva mais ampla e consolidada sobre o tema no campo. Apesar disso, os autores Rosa, Barizon Filho e Santos (2021) evidenciaram um avanço significativo no estudo da temática, visto que dos 27 (vinte e sete) trabalhos identificados com foco no esquecimento, 11 (onze) deles já demonstram uma preocupação explícita em definir e discutir o conceito.

É importante destacar que o esquecimento não deve ser visto como oposto da memória, mas como parte integrante das políticas de contenção, preservação e restauração, em níveis individual ou coletivo. Compreender a informação como fenômeno comunicacional permite que a Ciência da Informação dialogue com outras áreas que investigam os impactos sociais da memória e do esquecimento. São as práticas sociais que moldam a memória coletiva e orientam os processos institucionais de lembrar e esquecer (Holanda, 2011).

Como reforçam Pinho *et al.* (2011), lembrar implica necessariamente esquecer, pois a memória é, por natureza, um processo seletivo. O esquecimento, longe de ser seu oposto, é parte integrante e indispensável da própria construção da memória.

Quanto à categoria "Lugares de Memória", verificou-se que o conceito é utilizado para analisar instituições, monumentos, espaços urbanos e práticas simbólicas de preservação do passado. Esse papel simbólico é fundamental, pois, como destaca Thiesen (2009, p. 65), "[...] lugares de memória são portadores de identidades dos povos que eles representam, formadores e reprodutores da memória coletiva de grupos e nações."

Trabalhos como o intitulado Sítios de memória e direitos humanos da América Latina: arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação, de Crivelente e Kobashi (2018) e Lugares de memória em rede: o caso da página Recife de Antigamente de Albuquerque, Santana Júnior e Nunes (2018) indicam que a construção de lugares de memória é percebida como resposta às ameaças de esquecimento e como instrumento de resistência cultural e social. Entretanto, na maioria dos trabalhos, a discussão sobre os lugares de memória permanece descritiva, sem aprofundar os debates sociais e políticos envolvidos na seleção, valorização ou silenciamento de determinadas narrativas.

Para além das abordagens descritivas, alguns estudos focam nos lugares de memória política. Jatene e Kobashi (2022) apontam que, no contexto pós-ditaduras na América Latina, esses espaços enfrentam o esquecimento e o negacionismo. Esses lugares de memória política além de preservar documentos e relatos orais, desenvolvem ações pedagógicas, culturais, sociais e de pesquisa, contribuindo para a conscientização. Como é o caso dos laboratórios da memória, que mantêm vivos os vestígios das violências passadas e impulsionam a crítica, a resignificação e a reconstrução da memória coletiva.

Além disso, os autores reiteram que "[...] a discussão sobre o conceito de Lugares de Memória dentro da Ciência da Informação é de extrema importância para estabelecer critérios de identificação, seleção, classificação e catalogação" (Jatene; Kobashi, 2022, local. 1).

Ampliando essa perspectiva, outros trabalhos abordam a dimensão material dos lugares de memória, enfatizando o papel dos documentos e suportes físicos na preservação da memória. Para Braz, Holanda e Ferreira (2012), esses lugares podem ser entendidos como formas de memória de longo alcance por se apoiarem em suportes materiais. Essa materialidade contribui para sua institucionalização, ao serem valorizados como elementos essenciais para conservar evidências e sustentar a memória ao longo do tempo.

Dessa forma, os lugares de memória assumem a função de guardiões e difusores tanto da memória quanto da própria história. Contudo, seu papel não se limita à propagação de

uma narrativa única ou rígida; ao contrário, esses espaços possibilitam múltiplas interpretações, uma vez que a memória é plural e aberta a diferentes significados e perspectivas individuais (Braz; Holanda; Ferreira, 2012).

Alinhado a esse entendimento, Nora (1993, p. 27) diz que “[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.

Na categoria "Memória, Esquecimento e Lugares de Memória", observa-se que os trabalhos selecionados Grigoletto e Maranon (2010), Nascimento e Silva (2015) e Soledade, Jesus e Toutain (2018) abordam de maneira indireta os três conceitos, sem, no entanto, articular explicitamente os três. As produções analisadas reconhecem a importância dos espaços simbólicos na preservação da memória social e mencionam os processos de esquecimento e resistência, mas sem articular criticamente essas dimensões de forma conjunta.

Além dos trabalhos supracitados, vale destacar que do montante de 74 (setenta e quatro trabalhos) analisados é possível inferir que parte dessas publicações utiliza os descritores de maneira distante dos objetivos deste estudo. Alguns textos abordam a memória em termos técnicos, voltados à gestão de acervos e à organização da informação, sem problematizar as dinâmicas sociais, esquecimento e apagamento. Outros utilizam o conceito de "lugares de memória" de forma ampliada, desvinculando-se da visão crítica proposta por autores como Pierre Nora (1993). Embora relevantes em seus próprios contextos de pesquisa, essas produções não corroboram com a análise crítica central deste trabalho.

O mapeamento realizado evidencia que a memória se consolidou como tema central na produção do GT 10, enquanto o esquecimento e a articulação crítica entre os três conceitos ainda carecem de maior atenção. Observa-se o fortalecimento do debate sobre os lugares de memória como dispositivos simbólicos de resistência e preservação, especialmente a partir da década de 2010. A análise revela a necessidade de aprofundar as reflexões teóricas que integrem de maneira crítica a memória, esquecimento e lugares de memória, fortalecendo a contribuição da Ciência da Informação para a preservação da diversidade das memórias sociais.

Ademais, esses resultados reforçam a observação de Nora (1993) de que os lugares de memória surgem justamente quando a memória espontânea entra em declínio, tornando-se

espaços intencionais de registro e preservação. Entretanto, como alerta Le Goff (1990), a memória é também um instrumento de poder e, portanto, a simples existência de um lugar de memória não garante neutralidade, ao contrário, ele pode igualmente reforçar silenciamentos e práticas de repressão. Isso explica a importância de problematizar politicamente esses espaços, como fazem Jatene e Kobashi (2022) ao destacar que a gestão dos lugares de memória política deve contemplar critérios críticos, capazes de evitar que apenas uma versão da história se imponha em detrimento de outras memórias e perspectivas. Desse modo, a predominância de abordagens descritivas nos trabalhos analisados aponta para a necessidade de incorporar perspectivas mais críticas, capazes de evidenciar disputas, conflitos e ressignificações presentes na construção e uso desses espaços.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou mapear e analisar como os conceitos de memória, esquecimento e lugares de memória são abordados nas produções do Grupo de Trabalho 10 – Informação e Memória do ENANCIB, no período de 2010 a 2024. A pesquisa revelou que o conceito de memória ocupa uma posição consolidada nas discussões do GT 10, enquanto o esquecimento e a integração crítica entre memória, esquecimento e lugares de memória ainda são abordados de forma inicial.

Observou-se ainda um crescimento expressivo da temática a partir da década de 2010, com destaque para os lugares de memória como instrumentos simbólicos de resistência frente a processos de apagamento histórico. No entanto, grande parte dos trabalhos ainda adota abordagens descritivas, sem aprofundar criticamente as implicações sociais, políticas e simbólicas desses espaços de memória.

A análise indica que, embora a presença dos lugares de memória nas produções tenha se ampliado, falta uma reflexão mais complexa sobre as tensões que envolvem sua construção e apropriação. A articulação entre memória, esquecimento e lugares de memória, ainda pouco desenvolvida, aponta caminhos promissores para ampliar a compreensão dos processos de construção, disputa e silenciamento de narrativas no campo da Ciência da Informação.

Dessa forma, conclui-se que os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de aprofundamento teórico sobre a relação entre memória, esquecimento e lugares de memória na Ciência da Informação. Ampliar essa discussão é fundamental para fortalecer o

papel do campo na preservação da diversidade de memórias sociais e no fortalecimento de narrativas silenciadas que resgatem experiências historicamente ocultadas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, João Pedro Silva; SANTANA JUNIOR, Célio Andrade de; NUNES, Amanda Maria de Almeida. Lugares de memória em rede: o caso da página recife de antigamente. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/103064>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BORKO, Harold. Ciência da informação: o que é isto?. **American Documentation**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BRAZ, Márcio Ivo; HOLANDA, Cinthia Maria Silva de; FERREIRA, Marilucy da Silva. O documento e os lugares de memória: protagonistas na perpetuação da memória social. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 13., 2012, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/183336>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CRIVELENTE, Mariana Ramos; KOBASHI, Nair Yumiko. Sítios de memória e direitos humanos da América Latina: arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/102237>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de Memória e Ciência da Informação: uma interação necessária**. 2005. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213854/000728742.pdf?seq>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GRIGOLETO, Maria Cristina; MARANON, Eduardo Ismael Murguia. O patrimônio como determinação da memória: os bastidores da dinâmica processual do tombamento da casa do presidente Prudente de Moraes. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/183857>. Acesso em: 28 abr. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOLANDA, Adriana Buarque de. Memória e esquecimento na Ciência da Informação: um estudo exploratório. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM*

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/183723>. Acesso em: 28 abr. 2025.

JATENE, Caio Vargas; CRIVELENTE, Mariana Ramos; KOBASHI, Nair Yumiko. Memória e Memória e resistência: por uma classificação dos lugares de memória política na América Latina. In: ISKO BRASIL, 6., 2019, Belém, PA. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: VI ISKO Brasil, 2019. p. 504-513. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/125398>. Acesso em: 21 abr. 2025.

JATENE, Caio Vargas; KOBASHI, Nair Yumiko. Lugares de memória política como dispositivos de informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre, RS. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/201398>. Acesso em: 07 abr. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

MAFEZOLLI, Elisiane; PRADO, Jorge Moisés Kroll. Os lugares de memória na produção científica da Ciência da Informação. **Brazilian Journal Of Information Science: research trends**, Marília, v. 17, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9161375>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. A Ciência da Informação, memória e esquecimento. **Datagramazero**, [S. l.], v. 9, n. 6, p. 1-16, dez. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/6382>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. **Histórico**. Curitiba, [2011?]. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/o-museu/historico/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; SILVA, Pedro Manoel da. Memória, sexualidade e imprensa: o caso do bar Cantinho da Dalva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/188669>. Acesso em: 28 abr. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PINHO, Fabio Assis *et al.* (Org.). **Gestão da informação: preservação da memória**. Recife: Nectar, 2011. 163 p.

RODRIGUES, Adriana Mariana de Araujo. **Carandiru: formas de lembrar, maneiras de esquecer. informação, memória e esquecimento**. 2021. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_57d7a94601a7232e5b312bc122d1ad9b](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_57d7a94601a7232e5b312bc122d1ad9b). Acesso em: 19 abr. 2025.

ROSA, Pedro Henrique Cremonez; BARIZON FILHO, Antonio Lucio; SANTOS, Juliana Cardoso dos. O protagonismo do esquecimento: análise da temática esquecimento nas publicações do Enancib. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/192481>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVEIRA, Icléia. **Procedimentos metodológicos de pesquisa: ciência e conhecimento**. Florianópolis: UDESC, 2023. Apostila. 105 p. (Programa de Pós-Graduação em Moda, Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda, PPGModa/UDESC). Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a4/0000a4c9.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOLEDADE, Pablo de Almeida Santos; JESUS, Mirleno Lívio Monteiro de; TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. A informação como substrato da vida: memória e (contra)esquecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/102641>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SOUZA, Edivanio Duarte de Souza. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. esp., p. 49-64, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/323136>. Acesso em: 21 abr. 2025.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção do conhecimento. *In*: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (Org.). **Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 61-82. (MAST Colloquia, v. 11).